



## King Horn, um romance inglês ducentista

Gabriela Cavalheiro

**Resumo:** transcrito em meados do século XIII, *King Horn* é o mais antigo romance em inglês médio. Repensando a sua importância como modelo literário ideal de sua época, trazemos neste artigo uma tradução prosificada da narrativa inglesa – originalmente em verso – buscando difundi-la não apenas entre os estudiosos do meio acadêmico, mas também entre os demais leitores e interessados.

**Palavras-chave:** King Horn; romance em inglês médio; tradução.

**Abstract:** Transcribed in the 13th Century, *King Horn* is considered the oldest Middle English romance. Regarding its importance as a literary model of its time, we present, in this article, a prose translation of the romance – which is originally in verse – thus, attempting to enlarge its recognition among the scholars and the general public.

**Keywords:** King Horn; Middle English romance; translation.

\*\*\*

Transcritas em inglês médio, no século XIII, as aventuras e desventuras do jovem príncipe Horn chegaram até nós em três manuscritos ingleses, a saber, *Cambridge University MS (Gg.4.27.2)*, *British Library MS Harley 2253* e *Bodleian Library MS Laud Misc. 108*. Embora haja, entre os estudiosos da literatura medieval inglesa<sup>1</sup>, conjecturas sobre a data de confecção dos manuscritos – as datas variam de 1225 a 1275 – não se sabe ao certo a data de composição da obra.

Apesar da incerteza quanto à sua datação, *King Horn* é provavelmente o mais antigo romance<sup>2</sup> medieval inglês. Pertencendo a um grupo de poemas

---

<sup>1</sup> Rosemund Allen traça um panorama sobre a datação da obra e das controvérsias acerca do assunto em ALLEN, Rosemund. “Date and Provenance of *King Horn*: some interim reassessments” *Medieval English Studies Presented to George Kane*, editado por Edward Donald Kennedy, Ronald Waldron e Joseph S. Witting. Suffolk, Inglaterra: St. Edmundsbury Press, 1988. p. 99-126

<sup>2</sup> A terminologia *romance* é problemática. Na tradição literária inglesa, denomina-se *romance* toda aquela forma narrativa, originada no século XI estendendo-se até fins do século XIV, que compartilha dos mesmos temas – aventuras caval(h)eirescas, ideais cortesões – e estruturação formal – métrica, rima – e que são resultado, em sua grande maioria, da transcrição de narrativas orais, daí a dificuldade de se

conhecido como *Matéria da Inglaterra* (romances medievais ingleses – da Alta Idade Média, cuja temática se baseia principalmente em antigas narrativas orais), o romance de Horn resgata elementos da cultura anglo-saxã em pleno domínio normando, amalgamando ideais cristãos e caval(h)eirescos, trazidos pela invasão daquele povo, com outros comuns nas narrativas em antigo inglês como a presença do anel mágico, o hábito cerimonioso de se beber em chifres, a vingança de sangue, a interação de Horn com o barco, que aparenta estar vivo, além de outros.

A presença de três manuscritos da obra mostra como ela se espalhou pelo reino inglês, isso graças aos menestrelis, que a levavam de um feudo a outro, reproduzindo-a provavelmente com o acompanhamento de um instrumento musical, já que a métrica do romance denuncia seu caráter oral e performático. Formado por 1545 versos, *King Horn* mantém rimas fortes no interior de cada verso, uma aparente herança da poesia anglo-saxã, no entanto, a presença de rimas emparelhadas as ofusca, facilitando, por outro lado, a memorização dos versos.

Por fim, não podemos nos esquecer que o século XIII foi um período de grandes transformações na Idade Média, dentre as quais se registra um verdadeiro “boom” da escrita em quase todo o medievo europeu, fato que desencadeou e favoreceu a transcrição de várias narrativas orais e somente por esse motivo elas se conservaram até os dias de hoje.

### **A tradução**

O texto apresentado é uma versão prosificada do romance, baseada no original em inglês médio editado por Ronald Herzman, Graham Drake e Eve Salisbury em *Four Romances of England – King Horn, Havelok the Dane, Bevis of Hampton, Athelston* (TEAMS, Medieval Institute Publications, Michigan, 1999).

Os editores optaram por utilizar o original do manuscrito de Cambridge (Gg. 4.27.2), embora façam observações acerca de algumas pequenas variações que aparecem entre os manuscritos, em sua grande maioria variações ortográficas, fato compreensível, pois, à época das transcrições, não havia um sistema ortográfico padrão da língua inglesa. Essas e outras observações de natureza lingüística, que aparecem na edição citada como notas, não foram traduzidas, pois causariam estranhamento ou mesmo confusão para o leitor, já que perderiam sua funcionalidade fora do texto em inglês médio.

---

reconhecer uma data específica de composição para a maioria das obras. (SPEIRS, John. *Medieval English Poetry – The Non-Chaucerian Tradition*. Great Britain: Latimer Trend & Co Ltd Whitstable, 1971. p. 99-113)

Ademais, todas as notas referentes ao texto que aparecem na edição original foram mantidas, traduzidas e identificadas como *nota do original*.

O título da obra, *King Horn* [Rei Horn], foi mantido por questões estilísticas, ocorrendo o mesmo com algumas escolhas vocabulares, como é o caso de *vales* (v. 160), cuja nota (12) mostra e traduz o vocábulo utilizado na tradução em inglês moderno. Notas como estas, referentes exclusivamente à tradução, trazem, no final, a abreviação N.T (nota da tradutora). Já no caso das interpolações feitas pela tradutora (ver nota 8), para evitar um excesso de notas, elas figuram no corpo do texto entre colchetes. Por fim, a numeração dos versos do original aparece entre parênteses no corpo do texto no final de cada dezena de versos traduzidos.

\*\*\*

### **King Horn**

Trad.: Gabriela Cavalheiro (UFRJ)  
Revisão e orientação: Prof. Dr. Álvaro Alfredo Bragança Jr. (UFRJ)

Abençoados aqueles que ouvem minha canção! Eu lhes contarei a história de Murry, o rei. Rei ele era no oeste [1], enquanto viveu. Sua rainha chamava-se Godhild, nenhuma será tão bela quanto ela. Ele teve um filho chamado Horn; ninguém mais belo nascerá (10), nem a chuva que sobre ele caía, nem o sol que sobre ele brilhava eram tão belos. Ninguém é mais belo como ele era; era claro como o vidro, alvo como a flor, carmim como a rosa era sua cor [2]. Ele era belo e bravo e tinha apenas quinze anos. Em reino algum havia quem o iguasse (20). Ele tinha doze companheiros que sempre levava consigo, todos filhos de homens ricos e todos belos jovens para disputar com ele. Dois ele mais amava: o primeiro se chamava Athulf e o segundo Fikenhild. Athulf era o melhor e Fikenhild o pior [3] (30).

Foi em um dia de verão, como eu lhes devo contar, Murry, o bom rei, cavalgava por prazer perto da beira do mar como costumava fazer. Com ele cavalgavam apenas dois – muito poucos eram eles! Ele encontrou perto da praia, aportados em suas terras (40), quinze [4] navios com sarracenos ousados. Ele lhes perguntou o que eles procuravam ou o que lhes havia trazido para aquela terra. Um pagão o ouviu e logo respondeu: “Nós mataremos o povo de tuas terras, todos que amam Cristo [5] e a ti imediatamente. Não deverás partir daqui hoje!” (50). O rei saltou de seu cavalo [6], mesmo não tendo motivo para isso e seus dois bons cavaleiros

também. Muito poucos tinha ele! Eles agarraram suas espadas e juntos lutaram. Combateram sob seus escudos para que alguns os sentissem. O rei tinha poucos para combater tantos patifes (60). Estes facilmente trouxeram a morte aos três.

Os pagãos vieram para a terra e dela tomaram posse, começaram a matar o povo e a destruir igrejas. Ninguém poderia viver lá, estranhos ou parentes (nenhum tipo de homem), a não ser que esquecesse suas próprias leis e tomasse para ele as dos pagãos (70). Entre todas as mulheres, Godhild estava pior. Por Murry ela chorou amargamente e ainda mais por Horn. Ela abandonou o salão para longe de todas as suas aias. Sob um penhasco de pedra viveu sozinha [7]. Lá serviu a Deus, contrariando a proibição dos pagãos (80); lá serviu a Cristo, para que nenhum pagão tomasse conhecimento. Sempre rezava para o jovem Horn, para que Jesus Cristo fosse misericordioso com ele. Horn estava nas mãos dos pagãos com seus companheiros daquele reino. Grande era sua beleza, pois assim Jesus Cristo o havia feito.

Os pagãos o teriam matado, ou ainda o esfolado vivo (90) [e] [8] se não fosse por sua beleza, todos os jovens teriam sido assassinados. Então falou um Emir [9] (ousado com suas palavras), “Horn, tu és audacioso e isso é bem visto, és grande e forte, belo e bem alto. Tu deverás crescer durante sete anos (100). Se fosses libertado agora, e teus amigos também – se isso acontecesse – vós mataríeis todos nós. Por isso deves zarpar, tu e teus irmãos, zarpar o quanto antes e naufragar até as profundezas. O mar deverá afogar-vos e nós não sentiremos culpa por isso (110). Pois se tu estivesses vivo, por espada ou ainda adaga, nós todos deveríamos morrer para pagarmos pela morte de teu pai”. Eles, ao primeiro comando, levaram os jovens [10] para a praia, com as mãos atadas a bordo do barco. Muitas vezes Horn esteve aflito, mas nunca tanto quanto dessa vez! (120).

O mar começou a subir e ele começou a lamentar-se. O mar, que levava o barco tão rápido [11], era temido pelos jovens [e] eles esperavam certamente perder suas vidas, o dia todo e a noite toda, até o amanhecer, até Horn ver na praia homens caminhando em terra (130). “Bem”, ele disse, “Jovens, eu vos trago boas novas: eu ouço pássaros cantar e aqui a grama cresce. Felizes somos por estarmos vivos; nosso navio está ancorado.” Eles desceram rapidamente do barco e fincaram os pés no chão. Na beira do mar ele deixou o barco flutuar (140). Então disse o jovem Horn (que nascera em Suddene): “Barco, nas ondas do mar, por dias tens viajado. Na borda do mar não nos deixaste naufragar. Se vieres a Suddene, cumprimentes bem minha família. Cumprimenta bem minha mãe, Godhild, a boa rainha (150), [e] digas ao rei

pagão, inimigo de Jesus Cristo, que eu estou intacto e a salvo e que cheguei aqui nessa terra, e digas que ele encontrará o golpe de minha mão”.

Os jovens foram embora através de vales [12] e colinas. Eles encontraram-se com o rei Almair – que Cristo lhe dê sua benção! – (160), rei de Westernesse, que Cristo lhe dê muita felicidade! Ele falou ao jovem Horn palavras que eram gentis: “De onde vindes, belos jovens, para essa terra, todos os treze, tão ousados de corpo?”. Por Deus que me criou, tão bela amizade (170) eu nunca vi em tempo algum nas terras do oeste! “Dizei a mim o que procuram!”. Horn aqui declamou um discurso, falou por todos eles, para que isso ocorresse da melhor forma: ele era o mais belo e de inteligência o melhor.

“Nós viemos de Suddene, e viemos de boa família (180), de sangue cristão e rei extremamente bom. Pagãos começaram a chegar lá e levar todos à morte, assassinaram e separaram muitos homens cristãos. Como Cristo deve ser meu guia, eles nos conduziram para uma galera e nos jogaram ao mar (190). Um dia se passou e outro, sem vela e leme. Nosso navio começou a ir à deriva para as costas dessa terra. Agora o senhor deveria nos matar e atar nossas mãos atrás de nós. Mas se for de sua vontade, ajude-nos então para que não pereçamos!”. Então o bom rei falou (ele não era de fato um vilão), (200) “Dize-me, jovem, qual é o teu nome? Não só és um bom tipo como também és bondoso”. O jovem respondeu-lhe assim que o ouviu, “Horn sou chamado, quem desembarca aqui à beira do mar. Rei, que a maré te traga prosperidade”. Então o bom rei falou: “Muito bem carregas teu nome! (210) Horn, tu deverás prosseguir bem, pelos vales e colinas! Horn deverá soar alto através dos vales e das dunas! Assim deverá viajar teu nome [13], de rei para rei e tua beleza através de Westernesse e a força de tua mão em cada reino. (220) Horn, tu és muito querido, eu não te abandonarei”. Para casa cavalgou o rei Almair e Horn com ele, seu achado [14], e todos os seus irmãos que eram tão queridos para ele [15].

O rei entrou em seu salão no meio de todos os seus cavaleiros. Ele chamou adiante Athelbrus, que era o senescal de sua casa (230). “Senescal [16], agora pega aqui meu órfão para instruí-lo sobre tua ocupação, sobre caçar e negociar e ensinar-lhe a tocar harpa com as unhas [17], a esculpir diante de mim e a servir à mesa [18]. Ensina-lhe todo o conhecimento que jamais tiveste, (240) e instrua seus irmãos em outro serviço. Cuida de Horn e ensina-lhe sobre harpa e canção”. Athelbrus começou a ensinar Horn e seus companheiros. Horn entendeu em seu coração tudo que ele lhe ensinou.

Dentro e fora da corte e em todos os cantos ao redor (250) os homens amavam o jovem Horn, e acima de tudo ele era amado por Rymenhild, a

própria filha do rei. Ele era o primeiro nos pensamentos dela; ela o amava tão intensamente que quase enlouqueceu [19], pois não conseguia, à mesa, dirigir uma palavra a ele, nem no salão em meio a todos os cavaleiros (260) ou em qualquer outro lugar. Ela tinha medo das pessoas, de dia ou de noite [e] com ele ela não poderia falar. Sua tristeza e dor poderiam nunca chegar a um fim.

Em seu coração havia pesar e por isso decidiu que enviaria seu mensageiro até Athelbrus (270) para que ele viesse até ela e assim também Horn deveria ir para o seu quarto, pois ela começara a apresentar uma melancolia, e a mensagem dizia que a dama padecia de uma doença, pedindo a ele que viesse rapidamente, pois não estava bem. O senescal estava triste em seu coração, pois não sabia o que fazer (280). Ele achou muito estranho o que Rymenhild estava pensando sobre o fato do jovem Horn ser levado até seu quarto, pensou em sua mente que isso era para um propósito duvidoso; ele dirigiu-se a Athulf, companheiro de Horn. “Athulf”, ele disse, “agora mesmo tu deves vir comigo até o quarto (290) para falares a sós com Rymenhild e compreenderes o que ela deseja. Com a aparência de Horn deves enganá-la, temo fortemente que ela irá te persuadir com sua doença”. Athelbrus começou a guiar Athulf e levá-lo para dentro do quarto. Agora, com o jovem Athulf consigo, Rymenhild começou a ficar exaltada (300). Acreditou ser Horn que lá estava. Ela o sentou sobre a cama e revelou ao jovem Athulf seu desejo e com ambos os braços começou a abraçá-lo. “Horn”, ela disse, “por um longo tempo eu tenho te amado imensamente. Deves me fazer uma promessa [20], com minha mão aqui mesmo (310), de tomar-me como tua esposa e eu de ter a ti como meu senhor”. Athulf disse em seu ouvido, tão delicadamente quanto pôde “Tu deves terminar essa história, pois eu não sou Horn. Nem somos iguais: Horn é mais belo, rico e uma só costela sua é mais bela que qualquer homem vivo [21] (320). Mesmo se Horn estivesse embaixo da terra ou em qualquer outro lugar, ou mil milhas adiante, onde ele pudesse estar, eu não te enganaria e nem ele”.

Rymenhild virou-se e criticou ofensivamente Athelbrus. “Vai adiante, tolo desagradável e nunca mais sejas benquisto por mim. Sai de meu quarto, e que a má fortuna vá contigo! (330) Que a vergonha te domine e te pendure bem alto na forca! Eu não falei com Horn e ele não é tão feio! Horn é mais belo do que ele [Athulf]! Com muita vergonha tu deves morrer!”.

Athelbrus imediatamente caiu sobre o chão. “Minha senhora, ouça-me por um momento! (340) Ouça porque eu hesitei em trazer Horn até a senhora, pois Horn é belo e rico, não há em lugar algum alguém que lhe seja igual. Aylmar, o bom rei, o deixou aos meus cuidados. Se Horn estivesse aqui, eu suspeitaria seriamente de que, com ele, a senhora teria o prazer [22]. (350)

Então, sem dúvida, o rei nos faria culpados. Rymenhild, perdoa-me por tua raiva, senhora, minha rainha, e eu buscarei Horn, não importa quem me ouça!”. Rymenhild, tanto quanto estava preparada, calou-se. Ela se fez feliz – tudo estava bem agora. (360). “Vai imediatamente e o envia antes do meio-dia, vestido como um escudeiro. Quando o rei se aprontar para caçar na floresta, não haverá ninguém que o trairá. Ele deverá permanecer comigo até perto do anoitecer, para ter meu desejo por ele. Depois disso, eu não me importarei com o que as pessoas digam sobre mim”. (370)

Athelbrus afastou-se dela. Ele encontrou Horn no salão, em frente ao rei, à mesa, pronto para servir vinho. “Horn”, ele disse, “tão gracioso, para o quarto tu deves ir, silenciosamente, após o jantar para encontrar-te com Rymenhild. Palavras tão atrevidas deves guardar em teu coração. (380) Horn, por minha verdade, jamais te arrependerás”. Horn manteve em seu coração tudo o que Athelbrus lhe disse. Ele foi imediatamente até Rymenhild, a bela [23], colocou-se de joelhos e a cumprimentou docemente. Todo o quarto tornou-se iluminado pela sua bela aparência. (390) Ele disse belas palavras – nenhum homem precisou ensinar-lhe. “Tu deves sentar-te bem e confortavelmente Rymenhild, a bela, com tuas sete aias que se reúnem atrás de ti. O senescal de nosso rei mandou-me para teu quarto; contigo eu deveria falar. Dize-me o que queres; (400) dize e eu ouvirei qual é o teu desejo”.

Rymenhild levantou-se e pegou-o pela mão. Ela o sentou sobre a colcha de pele, com vinho para saciá-lo tanto quanto fosse seu desejo [24]. Ela demonstrou ânimo e alegria, segurou-o pelo pescoço e o beijou com frequência, tanto quanto ela desejava. (410) “Horn”, ela disse, “sem dúvida deves me tomar como tua esposa. Horn, tem pena de mim e prometa-me isso”. Horn pensou sobre o que ele deveria dizer. “Cristo te guie e te dê a felicidade do paraíso junto de teu marido, quem quer que ele seja no mundo. (420) Tenho origem muito humilde para conhecer tal mulher. Eu venho do campo [25] e tornei-me um órfão e não seria natural prender-te a mim como esposa; não é um casamento justo aquele entre um servo e um rei”. Então Rymenhild começou a ficar descontente e a suspirar seriamente. (430) Ela ergueu os braços e caiu inconsciente.

O coração de Horn encheu-se de pesar e ele a pegou com seus dois braços e começou, de fato, a beijá-la bem e constantemente. “Amada, querida”, ele disse, “deves controlar teu coração. Ajuda-me a ingressar na cavalaria com todo teu poder (440) sobre meu senhor, o rei, para que ele me sagre cavaleiro; então minha servidão se transformará em cavalaria, e eu deverei me tornar melhor e fazer como me disseste, amada”. Rymenhild, aquela doçura, acordou

de seu desmaio. “Rapidamente, Horn”, ela disse, “isso deve ser feito. (450) Tu deverás ser cavaleiro antes que sete dias tenham passado.

Leva essa taça e esse anel até Athelbrus, o senescal, e certifica-te de que ele manterá teu acordo. Diga-lhe que eu lhe imploro com as palavras mais apaixonadas, para que ele se humilhe perante o rei em seu salão (460) e peça ao rei, imediatamente, para tornar-te um cavaleiro. Com prata e ouro ele deverá ser recompensado. Que Cristo te conceda sucesso em apressar tuas tarefas”. Horn partiu, pois era quase noite. Ele viu Athelbrus e lhe entregou o que trazia consigo (470) e rapidamente contou, com todos os detalhes, o quanto ele havia sido bem sucedido, disse-lhe do que precisava e lhe prometeu sua recompensa.

Athelbrus, o quanto antes, foi ligeiramente até o salão. “Rei”, disse ele, “ouve a melhor história! Tu usarás tua coroa amanhã nessa cidade; (480) amanhã é o teu festival – onde é necessária a tua presença para celebrarmos. Não perderás nada ao nomear o jovem Horn cavaleiro, para pegar em armas por ti; ele provará ser um bom cavaleiro”. O rei logo disse “isso é bem feito, Horn muito me agrada. Ele parece ser um bom cavaleiro. (490) Ele terá meu consentimento e, depois, tornar-se-á o meu favorito. Ele próprio nomeará seus doze companheiros cavaleiros; ele torna-los-á cavaleiros perante mim essa noite”.

Até a luz do raiar do dia, Aylmar refletiu muito consigo mesmo. O dia começou a amanhecer; Horn veio diante do rei (500) com seus doze amigos (alguns deles eram maus). Ele sagrou Horn cavaleiro com espada reluzente e esporas, colocou-lhe sobre um palafém branco – não havia outro cavaleiro como aquele. Ele deu-lhe um leve tapa e ordenou-lhe que fosse um bom cavaleiro. Athulf ajoelhou-se diante do rei Aylmar. (510) “Rei”, ele disse, “tão altivo, conceda-me uma benção! Agora como Sir Horn é um cavaleiro, ele que nasceu em Suddene, ele é o senhor de terras e sobre nós, que estamos ao lado dele; tuas armas ele maneja, e escudo para lutar em batalha; deixa-o nomear todos nós cavaleiros, pois esse é o nosso direito”. (520)

Aylmar disse rapidamente “faça agora como desejar”. Horn saltou de seu cavalo e nomeou-os todos cavaleiros. A festa foi alegre e com belos entretenimentos – mas Rymenhild não estava lá e pareceram sete anos para ela.

Mais tarde, ela mandou chamar Horn e ele foi até seu quarto. (530) Ele não desejou ir sozinho, Athulf era sua companhia. Rymenhild permaneceu de pé (ela estava contente com a chegada de Horn) e disse “bem vindo Sir Horn, e



Athulf, há pouco sagrado cavaleiro. Cavaleiro, agora é teu tempo de te sentares perto de mim. Faze aquilo sobre o que conversamos anteriormente, me tome como tua esposa. (540) Se és de fato sincero, faze como disseste que farias. Agora tens tua própria vontade, liberta-me de minha dor”.

“Rymenhild”, ele disse, “silêncio! Eu farei tudo que desejares quando for o tempo certo. Com a lança, primeiro eu cavalgarei e provarei ser um membro da cavalaria antes de tentar ganhar teu amor. (550) Nós somos jovens cavaleiros, todos surgidos em um único dia e no nosso domínio essa é a maneira: com algum outro cavaleiro este lutará por sua amada, antes que possa tomar qualquer esposa; por ti eu tenho mais pressa. Hoje, se Cristo tanto me abençoar, eu farei atos de bravura (560) pelo teu amor em batalha com lança e com escudo. Se eu retornar vivo, eu terei a ti como esposa.”.

“Cavaleiro”, ela disse, “eu verdadeiramente penso que posso acreditar em ti. Agora pega esse anel dourado (o ornamento era muito bom); sobre o anel está gravado ‘Rymenhild, a jovem’. (570) Não há nenhum melhor sob o sol do qual algum homem possa falar. Pelo meu amor, usa-o e carrega-o em teu dedo. As pedras são de tal poder que tu não temerás golpes em qualquer lugar ou enlouquecerás em batalha, se olhares para ele e pensares na dama a qual amas. (580) E Sir Athulf, teu irmão, receberá outro. Horn, eu imploro-te com as palavras mais fervorosas, que Cristo te conceda sucesso e te traga de volta novamente”.

O cavaleiro começou a beijá-la e ela a abençoá-lo. Ele despediu-se dela e veio para o salão. (590) Os cavaleiros foram até à mesa e Horn foi para o estábulo. Lá ele pegou seu bom palafrem tão negro quanto o carvão. O cavalo balançou sua armadura, de forma que em toda corte ressoou. O cavalo começou a pular e Horn a cantar alegremente. Horn cavalgou por um tempo por mais de uma milha. (600) Ele encontrou um barco ancorado com cães pagãos. Ele lhes perguntou o que avistaram ou o que os trouxera até aquela terra. Um dos pagãos olhou para ele e disse palavras arrogantes: “Essa terra nós desejamos conquistar e mataremos todos que vivem nela”.

Horn agarrou sua espada e mandou suas armas pelos ares. (610) Ele atingiu os sarracenos com força, pois seu sangue efervescia. A cada golpe uma cabeça rolava. Então os pagãos começaram a pressionar Horn, que estava só, cercado-o. Ele olhou para o anel e pensou em Rymenhild. Ele matou, com rapidez, naquele lugar pelo menos cem. (620) Nenhum homem pode contar a gente que ele matou, de todos que estavam vivos, nenhum sobreviveu. Horn pegou a cabeça do líder, a qual ele mesmo havia cortado e fincou-a na ponta de sua espada. Ele foi até o salão, entre todos os cavaleiros. (630)

“Rei”, ele disse, “deves sentar-te bem, assim como todos os teus cavaleiros junto de ti. Hoje, após minha nomeação, enquanto eu cavalgava por prazer, encontrei um barco flutuando, rodeado por água, cheio da gente sarracena, e nenhum homem nativo, pronta para, hoje, atormentar a ti e a tudo que te pertence. (640) Eles começaram a me atacar; minha espada não falharia comigo: eu os levei todos ao chão, ou então os deixei feridas letais. A cabeça que eu trouxe para ti é do rei e líder. Agora é o teu cuidado que eu retribuo, rei, por me teres feito cavaleiro”. Na manhã, quando o dia começou a amanhecer, o rei cavalgou para caçar. (650) Em casa ele deixou Fikenhild [26], que era o mais maligno filho de uma mãe [27].

Horn foi para o quarto procurar aventura. Ele viu Rymenhild sentada como se estivesse fora de si. Ela sentou-se sob o sol mergulhada em lágrimas. Horn disse, “meu amor, conceda-me um favor, porque choras tão fortemente?” (660) Ela disse “eu não choro por nada, mas enquanto eu dormia, joguei minha rede no mar e ela não resistiu. Um peixe enorme imediatamente começou a arrebentar minha rede. Eu sei que perderei o peixe que escolhi guardar”. “Por Cristo e São Estevão [28]”, disse Horn, “muda teu sonho! (670) Eu jamais te enganarei ou farei algo que não desejas. Eu me farei todo teu para me manter e conhecer todas as outras criaturas e com isso eu mantenho minha palavra”. Grande era o pesar que havia no juramento deles, pois Rymenhild chorava amargamente e Horn parou com as suas lágrimas. (680) “Amada”, ele disse, “querida, tu deves ouvir mais. Teu sonho mudará ou então alguém nos irá ferir. O peixe que rompe a linha certamente irá nos causar dor. Aquele que nos causará angústia logo será visto”.

Aylmar cavalgava perto do rio Sture e Horn dormia no quarto. (690) Fikenhild estava cheio de inveja e disse tais mentiras: “Aylmar, eu te aviso, Horn irá destruir-te! Eu ouvi o que ele disse, enquanto segurava a espada, sobre tirar tua vida e tomar Rymenhild como esposa. Ele dorme no quarto sob as cobertas da cama (700) com Rymenhild, tua filha, e assim ele faz freqüentemente. Vai para lá imediatamente e o encontrarás lá, então o mande para fora dessas terras senão ele irá ferir-te!”. Aylmar começou a tornar-se, novamente, raivoso e pesaroso. Ele encontrou Horn abraçado ao seio [29] de Rymenhild. (710)

“Sai daí!”, ele disse, “ladrão tolo, tu nunca mais serás amado por mim! Sai do meu castelo [30] e que a má fortuna te acompanhe. A menos que fuja agora, eu te golpearei com minha espada. Sai das minhas terras ou então serás ferido!”.

Horn selou seu palafrem e vestiu sua armadura. (720) Ele laçou sua cota de malha como se estivesse indo para batalha. Ele agarrou sua espada e não perdeu tempo. Partiu adiante imediatamente. Para Rymenhild, sua prometida, disse “querida amada, agora tens o teu sonho! O peixe que quebrou tua rede me mandou para longe de ti. (730) Rymenhild, tenha um bom dia. Eu não devo mais ficar contigo. Por terras desconhecidas eu procurarei, eu deverei viver lá por inteiros sete anos.

Ao final de sete anos, se eu não tiver voltado ou enviado uma mensagem, toma para ti um marido; (740) não espera mais por mim. Aperta-me em teus braços e beija-me bem e por longo tempo”. Ela o beijou bem, por algum tempo e então caiu no chão; Horn partiu, ele não podia mais ficar ali. Ele abraçou Athulf, seu irmão, em volta do pescoço e disse “Cavaleiro verdadeiro, protege bem meu novo amor. (750) Tu jamais me abandonaste, protege e guarda Rymenhild”. Ele montou seu cavalo e seguiu adiante.

Ele foi para o porto e lá alugou um bom barco que o levaria para as terras do oeste. Os olhos de Athulf estavam chorando, enquanto ele via tudo isso. (760) A brisa do mar ergueu-se e o levou para a Irlanda. Ele mesmo aportou na terra e colocou o pé no estribo. Ele encontrou pelo caminho dois filhos de reis – os quais se chamavam Harild e Berild. Berild começou a solicitar que Horn lhe dissesse (770) qual era seu nome e o que ele queria lá. “Chamo-me Cutberd”, ele disse, “e desembarquei de um navio vindo de longe, do oeste, para procurar minha fortuna”. Berild cavalgou para próximo dele e o segurou pelo freio do cavalo. “Espero ter-te encontrado bem, cavaleiro, vem e permanece comigo por algum tempo. (780) Eu também deverei morrer se tu não servires ao rei. Eu nunca vi, em toda minha vida, cavaleiro tão belo chegar!”.

Ele guiou Cutberd para o castelo e ajoelhou-se; ele o fez ajoelhar-se e cumprimentar bem o bom rei. Então Berild imediatamente disse “Senhor rei, o senhor deve tratar com ele; (790) confia a ele tuas terras para defendê-las e nenhum homem as deverá causar dano, pois ele é o homem mais belo que já veio para essas terras”. Então, disse o querido rei, “Sê bem vindo! Vai agora, Berild, rapidamente, e deixa-o totalmente confortável. E quando fores cortejar uma mulher [31] dá-lhe tua luva: (800) se pretenderes ter para ti uma esposa, ele deverá deixar-te para trás, pois a beleza de Cutberd jamais te deixará prosperar [32]”.

Foi no Natal, nem mais nem menos, veio ao meio dia um gigante, rápida e subitamente, armado como um sarraceno e disse essas palavras: (810) “fica parado, senhor rei, e ouve estas novidades: pagãos aportaram aqui, bem mais

do que cinco deles, eles estão na praia, rei, em tuas terras; um deles lutará contra três cavaleiros. Se teus três matarem nosso combatente, todas essas terras são tuas; (820) se o nosso derrotar teus três, toda essa terra será nossa! A luta será amanhã, quando a luz do dia se pôr”.

Então, o rei Thurston disse, “Cutberd será um deles, Berild será o outro e o terceiro, Harild, teu irmão, pois eles são os mais fortes e os mais habilidosos com as armas. (830) Mas que conselho devemos seguir? Eu penso que todos nós morreremos”. Cutberd sentou-se à mesa e disse essas palavras: “senhor rei, não é justo que um lute contra três – contra um cão pagão, três homens cristãos lutarem. Senhor eu deverei sozinho, sem companheiros, (840) facilmente levá-los, com minha espada, os três à morte”.

O rei levantou-se pela manhã e estava muito pesaroso; Cutberd levantou-se de sua cama e vestiu-se com suas armas. Ele vestiu sua cota de malha e a amarrou bem e fortemente, então se aproximou do rei enquanto ele se levantava. (850) “Rei”, ele disse, “vem para o campo para ver como iremos e lutaremos juntos”. Bem cedo, naquela manhã [33], ele cavalgou e encontrou em um gramado um gigante muito ousado, seus companheiros esperavam, atrás dele, a sua morte. (860) A mesma batalha Cutberd continuou a travar. Ele deu golpes o suficiente, os cavaleiros caíram inconscientes. Ele começou a afastar seus golpes, pois os inimigos estavam quase mortos, e disse “cavaleiros, descansai um pouco agora, se vós desejardes”. Eles nunca viram golpes tão fortes de um cavaleiro (870), exceto pelo rei Murry, que era tão forte. Ele era da família de Horn, nascido em Suddene.

Horn começou a tremer e seu sangue ferveu. Ele viu, parado diante de si, aquele que o havia expulsado de sua terra, e que havia matado seu pai. Puxou sua espada contra ele (880), olhou para seu anel e pensou em Rymenhild. Ele o atingiu no coração e o feriu seriamente. Os pagãos, que antes estavam muito ousados, começaram a fugir dele. Horn e sua companhia rapidamente os seguiram e mataram todos os pagãos antes que encontrassem seus barcos. (890) Ele matou todos eles: eles pagaram caro pela morte de seu pai [34]. De todos os cavaleiros do rei, nenhum havia sido ferido, mas aquele viu seus dois filhos morrerem. O rei começou a lamentar e derramar lágrimas; os homens os colocaram sobre uma maca e rapidamente os enterraram. (900)

O rei veio para seu salão, acompanhado de seus cavaleiros, “Horn”, ele disse, “eu digo a ti, faça como eu aconselho. Meus herdeiros estão ambos mortos e tu és um cavaleiro de grande valor, grande força e altura, e muito belo. Meu reino governarás, e tomarás como esposa (910) minha filha Reynild, que se encontra no quarto mais alto”. “Ó senhor rei, erroneamente eu aceitaria isso –

tua filha, a qual me ofereces, para que eu governe teu reino. Eu deverei servir-te melhor, senhor rei, antes que morras. Tua dor passará antes que sete anos terminem. (920) Quando ela tiver passado, senhor rei, dá-me meu prêmio. Quando eu desejar tua filha, tu não recusarás”.

Cutberd viveu lá por sete anos inteiros e não enviou mensagens à Rymenhild nem mesmo foi até ela. Rymenhild estava com muito pesar em Westernesse. (930) Um rei chegou lá, o qual a tomaria como esposa; ele estava de acordo com o rei sobre o casamento. Faltavam poucos dias e ela de forma alguma não ousou hesitar. Ela ditou uma carta e Athulf a escreveu, ele que não amava pouco Horn. (940) Ela enviou seu mensageiro a todas as terras para procurar por Horn, o cavaleiro, onde quer que os homens pudessem encontrá-lo. Horn nada sabia sobre isso, até um dia em que foi caçar na floresta. Lá ele encontrou um servo [35]. Horn disse, “caro amigo, o que procuras aqui?”. (950) “Cavaleiro, se esse é o teu desejo, posso logo contar a ti. Eu procuro, do oeste, Horn de Westernesse, em nome de uma donzela, Rymenhild, que está enlouquecendo por ele. Um rei se casará com ela e a levará para sua cama, rei Mody de Reynes [36], um dos inimigos de Horn. (960) Eu tenho caminhado de longe, pela costa, mas ele não está em lugar algum para ser encontrado. Ai de mim a hora! Ai de mim o tempo! Agora Rymenhild estará perdida!”. Horn ouviu isso com seus ouvidos e falou com lágrimas amargas, “Servo, que a boa fortuna esteja [37] contigo! Horn está em pé ao teu lado. (970) Volta para ela novamente e diz que ela não deve ficar triste, pois eu devo estar lá imediatamente no domingo, às seis da manhã”.

O servo ficou muito feliz e rapidamente regressou. O mar começou a agitar-se sob os muros do quarto de Rymenhild. Lá o servo se afogou – Rymenhild por certo lamentará isso! [38] O mar o jogou, morto, embaixo do muro do quarto dela. (980) Rymenhild soltou o ferrolho do palácio onde morava para ver com seus olhos se veria algo de Horn. Ela encontrou o servo afogado, a quem ela havia mandado encontrar Horn e deveria tê-lo trazido. Ela torceu as mãos.

Horn veio até Thursdon, o rei, e contou-lhe as novidades [39]. (990) Ele lhe contou sobre Rymenhild, que era dele próprio, sobre sua boa família – o rei de Suddene – e como ele dizimou no campo aquele que matou seu pai e disse “sábio rei, retribui o meu serviço! Ajuda-me a ganhar Rymenhild! Não falha comigo! (1000) E eu me esforçarei para casar tua filha com uma boa família. Ela deverá ter como marido Athulf, meu bom amigo, um bom cavaleiro entre os melhores e o mais verdadeiro”. O rei disse com tranquilidade “Horn, tem agora o que desejas”.

Ele enviou mensageiros para a Irlanda (1010) pedindo ágeis cavaleiros, homens irlandeses para lutar. O suficiente veio até Horn, os quais ele mandou para os barcos. Horn embarcou à sua maneira em uma boa galera. O vento começou a soprar em pouco tempo. O mar começou a levá-los para Westernesse. (1020) Ele baixou vela e mastro e lançou âncora antes do dia ter terminado ou os sinos terem tocado. Os rumores do casamento de Rymenhild começaram a se espalhar.

Horn estava na água – ele não poderia ter chegado mais tarde, deixou seu barco seguir e desembarcou. (1030) Ele fez seus homens esperarem nas margens de uma floresta. Horn foi sozinho, como se tivesse nascido de uma pedra [40]. Ele encontrou um peregrino e lhe fez uma saudação “Peregrino, conta-me tua história”. Ele disse, durante sua história, “eu venho de uma festa nupcial, (1040) eu estava no casamento de uma dama, Rymenhild.

Ela não poderia ter evitado chorar tanto. Ela disse que não se casaria com ouro. Ela tinha um marido, mesmo que ele não estivesse no reino. E, num grande salão, dentro dos muros do castelo (1050,) eu estava lá, no portão, eles me deixaram entrar atrasado, Mody mandou que homens a levassem para seu quarto. Eu saí secretamente, aquela dor eu não poderia suportar. A noiva chora fortemente, e aquela dor é muita”. Horn disse “assim como Cristo me ordena, nós devemos trocar nossas roupas. (1060)

Tem minhas roupas aqui e dá-me tua veste. Hoje eu beberei lá para que alguns se arrependam disso”. Ele [o peregrino] retirou sua veste e vestiu as roupas de Horn – aquilo não foi desagradável para ele. Horn pegou o cajado e a sacola e tornou rude seu jeito de falar [41]. (1070) Ele deu a si mesmo uma feição infecta e encardiu seu pescoço. Ele se fez feio como jamais tinha sido antes.

Ele foi até o guarda do portão, que lhe respondeu grosseiramente. Horn lhe pediu, gentilmente, com frequência e muitas vezes, para que abrisse o portão; mas ele não conseguiu entrar. (1080) Horn virou-se para o portão e chutou o arco de madeira. O insolente deveria pagar por isso. Horn o atirou pela ponte, até que suas costelas se quebrassem e então foi para dentro do portão. Ele sentou em uma posição baixa, na fila dos indigentes. Ele olhou ao seu redor com seu nariz sujo. (1090)

Ele viu Rymenhild sentada, no entanto ela estava fora de si, chorando séria e profundamente e nenhum homem poderia pará-la. Ele olhou para cada esquina, mas não viu em lugar algum seu amigo Athulf, caminhando, até onde ele sabia. Athulf estava na torre, esforçando-se por ver (1100) sua chegada, se algum navio o traria. Ele viu o mar balançar e Horn velejando em parte

alguma e esse foi seu lamento: “Horn, agora tu estiveste fora por muito tempo. Confiaste a mim Rymenhild, para protegê-la. Eu a tenho mantido constantemente, vem agora ou nunca – eu não posso mais mantê-la. Eu choro agora por mágoa”.

Rymenhild levantou-se da mesa para servir vinho e ale [42], depois da refeição no salão. Uma caneca feita de chifre [43] ela carregou numa mão, como era o costume no reino. Cavaleiros e escudeiros, todos beberam cerveja; (1120), mas Horn, sozinho, não compartilhou disso. Horn sentou-se sobre o chão: seus pensamentos entrelaçados. Ele disse “graciosa rainha, vira-te em minha direção, serve-nos entre os primeiros, os indigentes estão sedentos”. Ela abaixou sua caneca e encheu a taça dele com o que havia dentro de um recipiente marrom (1130), pois ela pensou que ele fosse um glutão.

Ela disse “toma essa taça e essa outra coisa com ela. Eu nunca vi, assim acredito, um indigente que fosse tão ousado”. Horn deu a taça a seu companheiro e disse “rainha tão querida, vinho não é meu desejo a não ser que ele não venha em uma taça. (1140) Achas que sou um indigente, mas eu sou um pescador que vem de bem longe, do leste, para pescar na tua celebração. Minha rede se estende aqui, à mão, em uma bela praia. Ela tem permanecido lá por longos sete anos. Eu venho ver se ela tem pegado algum peixe. (1150) Eu venho aqui para pescar, não tomarei nada de qualquer taça – eu beberei por Horn em um corno [44]. De longe tenho viajado”. Rymenhild olhou para ele, seu coração começou a esfriar-se [45]. Ela nada sabia de sua pescaria ou sobre o próprio Horn. Por admiração, ela pensou porque ele exigira sua bebida para Horn. (1160) Ela encheu com vinho sua caneca feita de chifre e bebeu pelo peregrino.

Ela disse: “bebe o quanto quiser, e então me dize, verdadeiramente, se tu alguma vez viste Horn na floresta”. Horn bebeu um pouco da caneca e jogou o anel no fundo dela. Ele disse “rainha, procura agora o que há em tua bebida”. (1170) A rainha foi para seu quarto com suas quatro aias. Lá ela encontrou o que queria, um anel feito de ouro que Horn havia ganhado dela: ela temeu, seriamente, que Horn estivesse morto, pois o anel estava lá. Ela enviou uma donzela atrás do peregrino. (1180) “Verdadeiramente, peregrino”, ela disse, “o anel que jogaste, diga onde o conseguiste e porque tu vieste aqui”. Ele disse “Por São Egídio [46], eu tenho vindo de longe muitas milhas, além do oeste, para procurar minha fortuna. Encontrei o jovem Horn pronto para ir a bordo de um navio. (1190) Ele disse que tentaria chegar em Westernesse. O barco entregou-se às ondas comigo e Horn, o bondoso. Horn estava doente e morreu, e com beleza ele suplicou-me ‘vai com o anel até Rymenhild, a jovem’, ele muito beijou-o – que Deus dê descanso à sua alma!”. (1200)

Rymenhild logo disse “coração, agora podes explodir, pois Horn tu não tens mais, por quem tens sofrido tão seriamente”. Ela caiu em sua cama, onde havia escondido sua adaga para assassinar o odioso rei e ela mesma, naquela mesma noite, caso Horn não pudesse retornar. (1210) Ela colocou a adaga no coração e Horn rapidamente a apanhou. Ele limpou a sujeira de seu pescoço e disse “rainha, tão doce e querida, eu sou Horn.

Não me reconhecês? Eu sou Horn de Westernesse, beija-me em teus braços!”. Eles beijaram um ao outro verdadeiramente [e] foram abençoados. (1220) “Rymenhild”, ele disse, “eu irei para baixo, para o fim da floresta; lá estão meus cavaleiros, prontos para lutar; armados por baixo de suas roupas, eles odiarão o rei e seus convidados que vieram para a festa. Hoje eu os ensinarei e seriamente os derrubarei”. (1230)

Horn saiu em um pulo do salão e deixou sua capa cair. A rainha foi para a câmara e encontrou Athulf na torre. “Athulf”, ela disse, “fica feliz e vai rapidamente até Horn. Ele está embaixo dos ramos da floresta e com ele muitos cavaleiros”. Athulf começou a festejar por causa das notícias. (1240) Ele correu tão rapidamente atrás de Horn quanto poderia seu cavalo. Ele o alcançou e ficou muito feliz. Horn pegou sua companhia e mostrou-lhes o caminho. Ele veio rapidamente (os portões estavam destrancados), armado pesadamente do pé ao pescoço. (1250) Todos que estavam lá dentro perderam suas vidas, exceto seus doze amigos e o rei Aylmar, que os fez lamentar por estarem na festa. Horn não se vingou da língua falsa de Fikenhild. Ele fez os outros prometerem que jamais (1260) deveriam trair Horn mesmo que ele jazesse quase morto. Ele tocou o sino para encerrar o casamento.

Horn foi com seus homens para o palácio do rei; havia uma festa nupcial para homens ricos se fartarem lá. Nenhuma língua pode dizer a alegria que foi cantada lá. (1270)

Horn sentou-se no trono [47] e ordenou-lhes [48] que ouvissem. “Rei”, ele disse, “tu deverás ouvir uma história entre as melhores. Eu não a conto para culpar-te: meu nome é Horn. Tu me fizeste ingressar na cavalaria e eu provei meu valor como cavaleiro. Homens disseram a ti, rei, que eu te traíra; (1280) tu me fizeste um fugitivo e me fizeste partir de tuas terras. Tu pensaste que eu agi como se não quisesse nada mais do que me deitar com Rymenhild, e isso eu nego, nem devo concordar com isso até que eu ganhe Suddene. Mantem-na por um tempo enquanto eu encontro meu caminho (1290) para a minha herança e para o meu reino.



Eu obterei a terra e me vingarei por meu pai. Eu serei rei da cidade e usarei a coroa do rei. Então Rymenhild se deitará com o rei”. Horn foi para o barco com seus amigos irlandeses – (1300) Athulf com ele, seu irmão, ele não queria outro. O barco começou a percorrer seu caminho; o vento os levou sonoramente. Dentro de cinco dias, por volta de meia-noite, a embarcação chegou. Horn foi imediatamente; ele levou Athulf pela mão e foi para cima, para a praia. (1310) Ele encontrou no campo, carregando um escudo, um cavaleiro habilidoso. No escudo estava desenhada a cruz da fé de Jesus Cristo. O cavaleiro encontrava-se dormindo, na beira da estrada. Horn o agarrou e disse “Desperta cavaleiro! Dize o que tu estás protegendo e porque estás dormindo aqui? (1320)

Eu acho, pela tua cruz reluzente, que pertences ao nosso Senhor. Mas me mostrarás isso ou eu te cortarei em pedaços”. O bom cavaleiro levantou-se com medo nas palavras. Ele disse “eu sirvo contra minha vontade aos pagãos verdadeiramente cruéis. Uma vez eu fui cristão; então vieram para essa ilha (1330) sarracenos negros que me fizeram renunciar a Cristo, em quem eu teria acreditado. Eles me fizeram proteger e manter essa estrada contra Horn, que já é de idade, que mora no oeste, o melhor entre os cavaleiros. Eles mataram com suas próprias mãos o rei dessas terras (1340) e com ele caíram muitas centenas e por isso é estranho que ele [Horn] não venha lutar. Que Deus lhe conceda o direito e que o vento o traga até aqui para finalizar as vidas deles.

Eles mataram o rei Murry, o pai de Horn, o rei cortês. Eles enviaram Horn para fora das terras; doze companheiros foram com ele, (1250) entre eles Athulf, o bondoso, meu próprio filho, meu filho amado. Se o jovem Horn está são e salvo e Athulf está sem ferimento, ele [Athulf] o ama muito e é como um guardião para ele [Horn]; se eu pudesse ver os dois, eu morreria de alegria”.

“Então fica feliz, cavaleiro, nesse momento mais do que tudo. (1360) Horn e Athulf, seu irmão [de Horn], estão ambos aqui”. Até Horn ele foi e o saudou imediatamente. Muita alegria ele mostrou enquanto eles estavam juntos. “Filhos”, ele disse, “como tivestes êxito [49]? Desde que eu vos vi, muitos anos se passaram. Vós retomareis de volta essa terra matareis aqueles que estão nela?”. (1370) Ele disse “Querido Horn, tua mãe Godhild ainda vive, ela deverá alegrar-se, se souber que tu ainda estás vivo”.

Horn fez seu discurso: “Abençoado seja o tempo no qual eu vim para Suddene com meus homens irlandeses. Nós ensinaremos aos cães a falarem o nosso discurso. (1380) Nós os mataremos todos e rapidamente os derrubaremos”. Horn começou a tocar sua trombeta; seu povo a reconheceu.

Eles surgiram na popa, sob o estandarte de Horn. Ele matou e lutou durante a noite e a manhã. No fim, ele não deixou nenhum da raça dos sarracenos. (1390) Horn ordenou que se reconstruíssem capelas e igrejas; ele teve sinos tocados e missas cantadas. Ele veio para o salão de sua mãe em uma parede de pedra [50]. Ele carregou grãos e uma festa alegre foi feita. Uma vida alegre ele construiu e Rymenhild sofreu muito por isso. (1400)

Fikenhild era arrogante e aquilo [51] o magoou. Aos jovens e velhos ele ofereceu e pediu lealdade. Ele mandou carregarem pedra e esperou obter sucesso com ela. Ele construiu um castelo forte e circundado pelo mar; lá, ninguém poderia pousar, exceto os pássaros que podiam voar. (1410) Mas quando o mar recuava os homens podiam vir então. Fikenhild pensou em afligir Rymenhild. Ele começou a cortejá-la fortemente, o rei não ousou recusar. Rymenhild estava cheia de ódio, ela chorou lágrimas de sangue. Naquela noite, Horn souou e sonhou pesadamente (1420) que Rymenhild, sua companheira, fora trazida para dentro de um barco.

O barco começou a tombar; sua amada iria se afogar. Rymenhild encarregou-se de nadar até a praia; Fikenhild segurou-a com o punho de sua espada. Horn acordou de seu sono com um homem apressado. (1430) “Athulf”, ele disse, “amigo, nós devemos embarcar, Fikenhild me traiu e causou grande sofrimento a Rymenhild. Cristo, por suas cinco chagas, guia-me até lá essa noite!”.

Horn seguiu até o barco, seus companheiros ao seu lado. Fikenhild, antes que o dia amanhecesse, foi imediatamente até o rei (1440), perguntando por Rymenhild, a pura, para casar-se com ela ao anoitecer.

Ele a levou à noite para sua fortaleza. Ele começou a festa antes que o sol nascesse. Antes que Horn soubesse disso, antes que o sol nascesse, seu barco aportou sob a torre do quarto de Rymenhild. (1450) Rymenhild mal sabia que Horn ainda estava vivo. Eles não sabiam do castelo, pois ele era bem novo. Horn encontrou Arnoldin, que era primo de Athulf, se sentando e que estava lá naquela hora para esperar por Horn. “Horn”, ele disse, “filho do rei, foi bom tu teres vindo para o reino. (1460) Hoje, Fikenhild casou-se com tua doce amada Rymenhild.

Eu nem devo mentir para ti: ele te enganou duas vezes. Ele construiu essa torre por ti. Tu nem deves entrar nela, nem nenhum homem deve sem engenho. Horn, que agora Cristo te guie, para que tu não percas Rymenhild”. (1470) Horn conhecia toda a astúcia que nenhum homem poderia conhecer. Ele trouxera uma harpa e pegou alguns de seus companheiros, cavaleiros

muito ágeis que se disfarçaram como melhor lhes agradava. Ele foi através da praia em direção ao castelo.

Ele cantou alegremente e fez com que sua harpa fosse ouvida. (1480) Rymenhild começou a ouvi-la e perguntou quem eles eram. Disseram que eram harpistas, e outros que tocavam violas. Eles permitiram a entrada de Horn pelo portão do salão do castelo. Ele sentou-se num banco para segurar sua harpa. Ele tocou uma música para Rymenhild – e ele fez um lamento. (1490) Rymenhild sentiu-se muitíssimo mal e não houve ninguém que risse. Isso foi, para o coração de Horn, tão amargo que o feriu. Ele olhou para o anel e pensou em Rymenhild. Ele foi para cima da mesa com uma boa espada afiada [52].

A cabeça de Fikenhild de repente lá tombou (1500) e todos os seus homens ele matou sucessivamente. Quando eles foram assassinados, ele dividiu Fikenhild em pedaços. Lá, Horn fez Arnoldin, depois de todo seu sofrimento, rei de toda Westernesse, depois do reinado de Almair. O rei e seus vassalos prestaram homenagem a Arnoldin. (1510)

Horn tomou Rymenhild pela mão e a guiou para a praia e teve com ele Athelbrus, o bom senescal do castelo. A maré subiu e Horn içou vela. Eles chegaram onde o rei Mody era senhor. (1520) Ele fez de Athelbrus o rei deles por seu bom ensinamento. Ele mostrou a todos os cavaleiros que iriam se favorecer, por causa dos conselhos do cavaleiro Horn. Horn içou vela e o vento o levou para longe. Ele chegou na Irlanda, onde encontrou tristeza; lá ele casou o jovem Athulf com Reynild. (1530) Horn veio para Sudenne, entre toda sua gente. Ele fez de Rymenhild sua rainha, para que tudo estivesse bem. Todo o povo que os amava verdadeiramente deve ter chorado por eles: agora estão ambos mortos, Cristo os levou para o Paraíso!

Aqui termina a história de Horn que era belo e de nenhuma maneira feio. (1540) Nós sempre ficamos contentes entre nós, por assim ter sido a canção de Horn. Jesus, que é o Rei dos Céus, nos dê a todos a sua benção. Amém!

\*\*\*

## Notas

- [1] Direção e localização precisas são problemáticas no romance, pois entre os três manuscritos as variações são evidentes. (nota do original)
- [2] A descrição de Horn como “belo” [nota-se o uso em inglês médio da forma superlativa **fairer** – N.T.] é importante. É mais freqüente vermos descrições superlativas da heroína do romance, no entanto, o poeta liga a beleza de Horn à de

- sua mãe. Havelok, personagem de outro romance contemporâneo, também aparece como extraordinariamente belo. (nota do original)
- [3] É recorrente a nomeação do vilão logo após o herói no romance medieval, por isso o nome de Athulf aparece antes do de Fikenhild, cujo nome deriva do Antigo Inglês (Old English) *fiċol*, que significa aquele que engana. (nota do original)
- [4] Quinze é um número bastante usado por escritores e provavelmente possuiu um significado numerológico, por ser uma combinação entre o sete (número da realização) e oito (número do recomeço). Esse número pode ainda ser interpretado como a divisão dos estágios da vida, como parece sugerido pela linha 18, onde aparece a idade de Horn. (nota do original)
- [5] Primeira menção à divindade, outra particularidade do poema, pois Cristo era geralmente citado no início dos romances, em forma de invocação ou oração. (nota do original)
- [6] O rei saltar de seu cavalo é bastante incomum. Considerando que acabara de ouvir uma ameaça, ficar sobre o animal seria mais prudente. No entanto, Hall sugere que essa passagem seja um retorno a um costume de uma Inglaterra pré-conquistada. (nota do original)
- [7] O retiro de Godhild evoca a vida de alguns santos que também se retiraram para louvar Deus, no entanto ele também pode ser visto como um ato de autodefesa. Godhild é um nome bastante incomum na Inglaterra e provavelmente deriva do germânico *Gundibildis* (heroína de Deus). (nota do original)
- [8] Interpolação da tradutora para manter a coerência do texto em português. Outras conjunções e nomes das personagens que, por ventura, aparecerem entre colchetes no corpo do texto também serão interpolações da tradutora. [N.T.]
- [9] *Emir*: era o título dado a vários tipos de administradores muçulmanos, termo que figura no inglês médio e moderno. (*Oxford Advanced Learner's Dictionary*, 5ª edição, p.377) [N.T.]
- [10] Nesse momento, Horn ainda é considerado uma “criança”, não apenas por sua tenra idade, mas por suas iminentes obrigações sociais, políticas e militares. Por isso, Lee C. Ramsey, em *Chivalric Romance: Popular Literature in Medieval England*, classifica o romance *King Horn* como uma narrativa da “criança exilada”, uma história sobre “crescer no sentido pessoal, militar, social e político” (p. 26). (nota do original)
- [11] O barco foi deixado à deriva e assim se torna subordinado ao desejo de Deus. Diz a tradição que aqueles expostos dessa forma, assim como aqueles expostos a julgamentos e provações, morreriam se fossem culpados de algum crime ou pecado. Poderíamos ver a situação como um teste de fé. (nota do original)
- [12] *Dales*: vales, especialmente no norte da Inglaterra. (*Oxford Advanced Learner's Dictionary*, 5ª edição, p. 291) [N.T.]
- [13] Como nota Hall, “deixe sua fama se espalhar por todo lado assim como o som de uma trombeta” (p. 107). Sands observa o trocadilho feito com o nome Horn e o instrumento de mesmo nome (trombeta em português), que faz com que o som soe continuamente, assim como a fama o faz metaforicamente. (nota do original)
- [14] *Foundling*: criança abandonada, de pais desconhecidos, que é encontrada por alguém. (*Oxford Advanced Learner's Dictionary*, 5ª edição, p. 467) [N.T.]
- [15] Horn e seus companheiros são tratados como órfãos em vez de inimigos, um prova de sua falta de conhecimento bélico, de proeza marcial e de artefatos cavaleirescos. O abandono e os orfanatos eram problemas sérios na Idade Média. (nota do original)
- [16] *Senescal*: (do germânico *siniskalkē*) s.m. Antigo mordomo-mor ou vedor em certas casas reais. (*Novo Aurélio*, 3ª edição, p. 1836) O termo original *steward*, em inglês médio,

- permaneceu até os dias de hoje no inglês moderno e a melhor tradução encontrada para esse termo foi *senescal*. Para tanto, baseamo-nos na definição do vocábulo *steward* encontrada no *Oxford Advanced Learner's Dictionary* (5ª edição, p. 1170) - pessoa empregada para cuidar da propriedade de outra, especialmente uma casa grande ou uma vasta extensão de terra – no papel empregado pelo personagem dentro da obra e na pesquisa acerca dos cargos administrativos ocupados pelos membros da corte inglesa segundo definição encontrada no *The Oxford Illustrated History of Britain*. Editado por Kenneth O. Morgan. New York: Oxford University Press, 1997. [N.T.]
- [17] Tocar harpa com as unhas (verso 236) é raro na Literatura Inglesa Medieval. (nota do original)
- [18] *To carve before me* (no inglês médio *bivore me to kerve*): no contexto medieval significa saber cortar bem a carne (*Oxford Advanced Learner's Dictionary*, p. 172) [N.T.] Servir à mesa era uma prática costumeira entre os jovens da corte. Ensinava-lhes cortesia e disciplina. (nota do original)
- [19] A proximidade entre *wild* (inglês moderno) e *wode*, o termo em inglês medieval para “loucura”, sugere uma incontrollável dimensão emocional do amor, a qual o poeta enfatiza outra vez no verso 300. (nota do original)
- [20] Em inglês moderno *you shall plight your troth to me* e no medieval *thu schalt thi trewthe plighte* que significa fazer uma promessa de manter fidelidade, especialmente para se casar com alguém. (*Oxford Advanced Learner's Dictionary*, 5ª edição, p.887) [N.T.]
- [21] Aqui, [dizer que uma só costela de Horn é mais bela que qualquer homem vivo] significa ter uma costela a mais (de acordo com a história da criação no Gênesis), da mesma forma que a mulher tem uma costela a mais que o homem e por isso é o sexo mais “belo”. Susan Dannebaum não concorda, pois “essa interpretação tem a desvantagem de traçar um paralelo entre a excelência física de Horn àquela de uma mulher, em vez de compará-la a de um ideal masculino” (p. 16). Por outro lado, ela vê um paralelo entre Adão e Cristo, que, durante a Idade Média, eram convencionalmente imaginados como dotados de um corpo (físico) perfeito. (nota do original)
- [22] Em inglês moderno *take pleasure*, no medieval *pleie*, que aparece com uma série de significados, incluindo jogos inocentes de divertimento (*merriment*) e ainda jogos de natureza bélica (*martial prowess*) ou sexual (*sexual intercourse*). O contexto aqui parece sugerir um certo grau de interesse sexual, algo similar ao prazer dos momentos que precedem o ato em si. (nota do original)
- [23] Hall observa a pouca e rara descrição feita acerca de Rymenhild. A beleza de Horn de fato parece mais interessante. Ele, e não ela, ilumina o quarto ao entrar. (nota do original)
- [24] *To fill*: beber tanto quanto possa satisfazer. (*Oxford Advanced Learner's Dictionary*, 5ª edição, p. 434) [N.T.]
- [25] *Thralldom*: campo, lugar dos camponeses (servidão) (*Oxford Advanced Learner's Dictionary*, 5ª edição, p. 1243) [N.T.]
- [26] Aqui há diferenças entre os pergaminhos, no de Cambridge parece que há uma passagem faltando, a qual está presente nos demais que indica que Fikenhild juntou-se ao rei em sua caçada. [N.T.]
- [27] Segundo a tradução em inglês moderno *Who was the most evil mother's child* (que era o mais maligno filho de uma mãe) e na versão original em inglês médio *who was the worst child of a woman* (que era o pior filho de uma mulher), ou seja, que era o pior homem vivo, segundo nota do original. [N.T.]

- [28] São Estevão (Saint Stephen em inglês moderno e Seint Stevene em inglês médio) aqui aparece, provavelmente, como referência a um dos muitos santos com igual nome, porém é muito provável que seja um diácono e protomártir, cuja vida aparece pela primeira vez nos “Atos dos Apóstolos” (“Acts of the Apostles”). Ele tornou-se mártir por ter sido apedrejado. (Notas do Original)
- [29] *Bosom*: peito (esp. o seio de uma mulher), parte do vestido que cobre os seios (corpete) – (*Oxford Advanced Learner’s Dictionary*, 5ª edição, p. 127) [N.T.]
- [30] *Bower*: castelo, solar (*Oxford Advanced Learner’s Dictionary*, 5ª edição, p.130) [N.T.]
- [31] *To woo*: tentar conquistar o amor de uma mulher para casar-se com ela. (*Oxford Advanced Learner’s Dictionary*, 5ª edição, p. 1373) [N.T.]
- [32] Os editores discordam quanto ao significado dessas linhas. French e Hale acreditam que a troca de luvas entre Horn (Cutberd) e Berild é uma promessa de que ambos não competirão no amor. Sands concorda com Hall, quando este sugere a seguinte leitura, que parece plausível no contexto: “E quando [Berild] fores cortejar uma mulher, confia-lhe [a Horn] tua luva [*i.e.*, como um símbolo de que ele não competirá contigo]; [mas] se pretenderes ter para ti uma esposa, ele te deixará para trás; porque da beleza de Cutberd, tu nunca vencerás [no amor]”. (nota do original)
- [33] *Right at prime tide*, é uma expressão que, em seu sentido original, significa ‘em torno de seis horas da manhã’ e é uma expressão emprestada da divisão monástica do dia em sete períodos de oração (Laudes, Prima, Tertia, Sexta, Noa, Vesperas e Completas). Tal expressão, no uso secular, significa apenas ‘ao raiar do dia’. (nota do original)
- [34] *To pay/buy dearly*: pagar caro por fazer algo errado, condenável. (*Oxford Advanced Learner’s Dictionary*, 5ª edição, p. 851). [N.T.]
- [35] *Knave*: patife, ladrão, garoto, servo. Esse termo, embora hoje seja pejorativo, era usado com freqüência na Idade Média para designar um servo ou um garoto, geralmente encarregado de levar mensagens. (nota do original), (*Oxford Advanced Learner’s Dictionary*, 5ª edição, p.653) [N.T.]
- [36] *Lancashire* ou *Furness* no noroeste da Inglaterra. (nota do original)
- [37] *To befall*: (usado na 3ª pessoa) acontecer com alguém, acontecer. (*Oxford Advanced Learner’s Dictionary*, 5ª edição, p. 95) [N.T.]
- [38] Interjeição do narrador.
- [39] *Tidings*: novidades, boas novas. (*Oxford Advanced Learner’s Dictionary*, 5ª edição, p. 1249) [N.T.]
- [40] Sands sugere que essa passagem se refere a uma crença não cristã de que os primeiros humanos tenham sido trazidos de dentro de pedras e essa ‘condição petrificada’ os fizera solitários (p. 42). Em *Metamorfoses*, o poeta romano Ovídio fala sobre o mito da criação através de Pyrrha e Deucalion, o único casal deixado na Terra para semear pedras, das quais uma nova civilização nasce. A nota de Hall enfatiza uma dimensão sócio-psicológica, segundo a qual tal passagem “expressa o mais completo isolamento como daquele que, tendo vindo para este mundo sem pais, está desprovido de qualquer tipo de relações ou vínculos” (p. 152). (nota do original)
- [41] *Lip*: maneira de se dirigir a alguém com rudeza que, provavelmente, lhe trará problemas. (*Oxford Advanced Learner’s Dictionary*, 5ª edição, p. 686) [N.T.]
- [42] *Ale* é um tipo de cerveja, criado pelos antigos celtas, mais escuro, pesado e mais amargo. (*Oxford Advanced Learner’s Dictionary*, 5ª edição, p. 28) [N.T.]
- [43] *Horn*: caneca feita de chifre de animal (*Oxford Advanced Learner’s Dictionary*, 5ª edição, p. 574) [N.T.] O uso do chifre de um animal como taça é um costume antigo. Plínio, escritor romano, descreve tal artefato como vasilhame dos “bárbaros”. Outros textos de maior autoridade mostraram-se mais favoráveis ao fato, igualando chifres de

diferentes animais a classes sociais específicas. As antigas Leis de Wales (*Laws of Wales*), por exemplo, atribuem o chifre de um touro selvagem a um rei, enquanto aqueles de animais menos expressivos eram mais apropriados para aqueles de menor *status* social. O chifre usado como taça na Inglaterra era muito admirado. Taças feitas de chifre bastante decoradas eram muito valorizadas por reis ingleses. A *Crônica* de Ordericus Vitalis sobre um banquete de Páscoa dado por William, o Conquistador descreve a apreciação por parte da nobreza francesa de taças inglesas feitas de chifre lindamente decoradas. Henrique I e Eduardo I eram conhecidos por possuí-las. Hall considera curioso, em vista de tais referências, que essas taças não sejam mencionadas com frequência na Literatura Medieval, embora a alusão de Chaucer no Conto de Franklin sugira sua recorrência no século XIV. (nota do original)

- [44] Na versão em inglês médio a passagem “Drink to Horn of horn” (beberei por Horn em um corno) faz um belo trocadilho com o nome Horn e a palavra *horn* (corno) que, no caso, se refere ao recipiente onde Horn beberá a cerveja. [N.T.]
- [45] *To chilk*: esfriar-se; ter uma sensação fria quando se vê algo chocante. (*Oxford Advanced Learner's Dictionary*, 5ª edição, p. 192) [N.T.]
- [46] São Egídio (*Saint Giles* ou *Aegidius*) foi um abade de um mosteiro beneditino em Provença, morredo em aproximadamente 710; tornou-se muito popular como o santo patrono dos coxos. Havia um santuário importante de São Egídio em Nimes, no sul da França. A *Feira de São Egídio* ainda existe em Oxford. (nota do original)
- [47] *Enthroned*: a cadeira do rei, trono. (*Oxford Advanced Learner's Dictionary*, 5ª edição, p. 385) [N.T.]
- [48] *To bid*: ordenar (*Oxford Advanced Learner's Dictionary*, 5ª edição, p. 105 ) [N.T.]
- [49] *To fare*: obter sucesso, progredir, dar-se bem. (*Oxford Advanced Learner's Dictionary*, 5ª edição, p. 421) [N.T.]
- [50] Trata-se de uma referência ao local do exílio de sua mãe, ou seja, uma gruta de pedra. [N.T.]
- [51] A vitória de Horn e reconquista de suas terras. [N.T.]
- [52] *Sword's edge*: fio de espada. (*Oxford Advanced Learner's Dictionary*, 5ª edição, p. 368) [N.T.]